

Considerações finais



Figura 107- Peça Abayomi

Desde o primeiro semestre da faculdade, quando realizei um projeto sob orientação dos professores de projeto básico, aprendi que o papel que quero desempenhar enquanto designer é o de reconhecer, o de redesenhar, o de concretizar através do beneficiamento do universo material, processos e resultados, necessariamente significativos, reconhecidos e manipulados pelo grupo de trabalho. É o encontro de soluções possíveis e percursos criativos na realização de projetos e objetos junto a grupos de pesquisa.

Nessa metodologia o estudante identifica o modo que o outro elabora suas representações. “Através dos objetos, pode-se falar de uma existência” (DIAS1999). Metodologia que indica caminhos de trabalho de projeto baseada em dados da realidade. Observando com um olhar de aprendiz, desenvolvi todos os projetos enquanto estudante e foi como também desenvolvi esta pesquisa descrita nessa dissertação. (O verbo está na primeira pessoa, no entanto, como estive sempre junto a diversos parceiros, interlocutores e orientadores, considero que o projeto é sempre realizado a partir de muitos olhares, muitas iniciativas e muitos encontros).

A investigação no universo do fazer, no universo feminino foi verdadeira sem que houvesse um distanciamento do estudo acadêmico. Aliás, acreditando em um estudo humano e pertinente.

Acredito nesse acompanhamento no processo de pesquisa no design, pois a partir deste será voltado um olhar para o objeto de estudo através de percepções que passam pela realidade do pesquisador e pela realidade do grupo de pesquisa em questão. A pesquisa lidou com a elaboração de conceitos apreendidos em situações formais e materiais quando foram necessárias organização e decisões internas. E por isso estou certa que cada pesquisador poderá caminhar por mesmos trilhos na construção de uma imagem do objeto de estudo, contudo, terá diferentes escolhas de sentido e direção ao longo de seu percurso.

Escolhi, portanto, para o desenvolvimento deste estudo de mestrado um trabalho a partir da convivência junto a uma interlocutora. Desta forma reconheci um repertório já “dominado” pelo grupo e sublinhado pelo designer, que pode vir a concretizar movimentos do grupo já estabelecidos no campo das dinâmicas diárias.

No ambiente Abayomi, que se apresentou de modo aberto, que permitiu, ao mesmo tempo, uma admiração das circunstâncias e uma relação reflexiva e íntima com o que se exibiu e foi “manipulado”, foi visto tudo o que pôde ser visto. Foi visto o que pude enxergar o que se apresentou neste tempo de convivência. É uma grande responsabilidade escrever sobre essa “(id)entidade” (CANCLINI, 1998), mas me conforto ao realizar que o que está escrito se refere ao meu encontro com a Abayomi e ao que consegui expressar ao longo deste texto.

Reconheço que esse estudo se passou através da convivência e da observação da prática da Lena como poderia ter se passado a partir da prática de outra artesã da cooperativa. Na festa de lançamento do 12^o Calendário Abayomi fiquei impressionada com a modelagem das mãos de uma determinada boneca, esta tinha uma mão modelada com os cinco dedos e quando comentei com a Bete, uma das artesãs, ela me disse que estava adorando se especializar “em mãos”. A partir desse relato fica exemplificado que eu poderia ter encaminhado essa pesquisa/convivência de diversas formas, bastaria ter convivido com outra artesã.

Um projeto pode ser realizado em qualquer espaço e com qualquer grupo de pesquisa que reconheça o pesquisador e que esteja em movimento constante de aprendizagem.

Lena procurou a mim e a Carolina para a investigação sobre ilustração na composição de cenários para as bonecas Abayomi e compreendo que o painel confeccionado é o resultado de um movimento da Lena e que dessa forma produz sentido para a Abayomi, assim como a investigação das possibilidades de modelagem das mãos das bonecas construídas por Bete, também tem significado para a cooperativa.

São movimentos individuais na construção do movimento coletivo. Movimento de design, da descoberta de se trabalhar com determinados materiais beneficiando-os, entendendo suas possibilidades, sua elasticidade, cor, movimento, seus desenhos e encontrando caminhos de se estabelecer uma seqüência de ações e escolhas que economizam e organizam o tempo e aproximam matéria-prima, produção e produto final.

Canclini (1998) aborda que pelo interesse em expandir o mercado e para legitimar sua hegemonia os modernizadores precisam persuadir seus destinatários de que, ao mesmo tempo que renovam a sociedade, prolongam tradições compartilhadas. Como pretendem abarcar todos os setores, os projetos modernos se apropriam dos bens históricos e das tradições populares. O autor aponta as alianças freqüentes que se estabelecem entre tradicionalistas e renovadores na medida em que o patrimônio cultural se apresenta alheio aos debates sobre a modernidade este constitui o recurso menos suspeito para garantir a cumplicidade social. Mesmo porque, para o autor, a perenidade desses bens leva a imaginar que seu valor é inquestionável e torna-os fontes de consenso coletivo, para além das divisões entre classes, etnias e grupos.

Nessa discussão o autor afirma que o patrimônio existe como força política na medida em que é teatralizado: em comemorações, monumentos e museus. Contando que a cultura tenha sido predominantemente visual (o analfabetismo passou a ser minoritário há poucos anos e não em todos os países americanos) ser culto é apreender um conjunto de conhecimentos

icônicos sobre a própria história onde a sociedade apresenta para si mesma o espetáculo de sua origem.

Dentre os meus aprendizados está a questão de que a Universidade, a partir de seus estudantes e pesquisadores, pode estar apreendendo tais conjuntos de conhecimentos icônicos percebendo o fazer, sublinhando o fazer, identificando o fazer. Enquanto pesquisadora, professora, designer e enquanto mãe, estarei sempre atenta ao movimento da vida.

Bastos (2003) também aponta que os espaços acadêmicos são espaços de produção de sentidos, de entendimento do mundo compartilhado, no qual os atos de ensinar e aprender, formar e ser formado são constantes e indissociáveis. A autora discute que se a experiência do mundo não for impedida ou dificultada na Universidade, esta não perde em potencial transformador de realidades, pois não ficaremos condenados a ficar presos na repetição dos sentidos instituídos. Ficaremos, enquanto pesquisadores, disponíveis a sempre tecer novas redes de significação, participando simultaneamente de diversas delas.

O painel confeccionado ao longo da convivência com Lena é o resultado de um processo de trabalho coletivo e foi a “isca”¹ que uma vez lançada ao “oceano” de possibilidades serviu para “pescar”² ideais, e partidos a serem adotados em relação aos procedimentos da pesquisa.

Há ainda um fator relevante na construção da colagem de pano, as mãos são menos exigidas que no fazer das bonecas. Lena hoje, depois dos anos de modelagem com fios de malha, começou a desenvolver projetos de oficinas a partir dos movimentos que contemplam os atuais cuidados com seu corpo. Hoje já é um plano da Lena encontrar grupos de trabalho para que ela apresente a arte Abayomi e que seja possível criar uma rede de produção, intercâmbio e auto-gestão.

Lena vislumbra encontrar nas comunidades remanescentes de Quilombos, histórias do povo negro e a partir da convivência com Lena concluo que nesses encontros podem ser coletadas histórias do povo negro e afro-descendente a serem transformadas em livros a partir da elaboração de ilustrações de pano tendo como protagonistas bonecas Abayomi. Esse projeto atravessa o percurso da artesã Lena reconhecendo seu processo de trabalho até então e percebendo os caminhos que são trilhados por ela em suas novas conquistas ideológicas porque a vida continua e Abayomi é o tempo presente.

Dessa forma, concluo alguns apontamentos que carregam um conhecimento e um aprendizado adquirido nas escolas em que estive e vejo muitos desdobramentos de pesquisa junto a esta cooperativa. Acredito na possibilidade de organizar uma oficina de ilustração como uma nova frente de trabalho do grupo,

¹Terminologia adotada no método de pesquisa das aulas de projeto básico em design na “escola” da Barraca na graduação de Artes & Design da PUC-Rio.

²Idem.

acredito em novos projetos de ilustração de textos adaptados e ou autorais protagonizados por personagens Abayomi. Mas, sobretudo, acredito que qualquer possível desdobramento deve encontrar um método de caminhar junto ao movimento do grupo, aprendendo e convivendo um objetivo comum.

Termino esse texto, esse desenvolvimento de mestrado mais corajosa, confiante e responsável na minha formação acadêmica, que alicerçada por encontros com mestres, doutores, leituras e vivências, me proporcionou um posicionamento sério, atento, respeitoso e participativo em relação aos meus interesses de pesquisa e em relação aos grupos de estudo.